

os Congressos medicos de sollicitar o incommo da collaboração e da presença de alguém occupado e limpo, é bom avisarem si ha ou não alcapões armados, e gente trefega capaz de esquecer o que pouco antes accetára.

Não termino esse protesto sem dizer ao Dr. Ney Cabral que a sua „Cartinha para o Rio“ é um documento triste. O que ali se diz é ridiculo de inverosimilhança e a velhacaria de que me suppõe capaz — não levar immediatamente á Sociedade de Medicina do Rio o appello do Congresso sobre a liberdade profissional —, é uma accusação gratuita e desprezível. Cheguei ao Rio no dia 20 de Novembro de 1926 e na terça-feira immediata expuz pe-

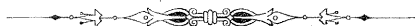
rante a Sociedade de Medicina o que se havia decidido em Porto Alegre. Opinou a Sociedade requisitar os documentos officiaes do Congresso para emitir o seu juizo. **Eu mesmo escrevi** ao Dr. Renato Barbosa pedindo-lhe o relatorio official da secretaria (o Dr. Simões Lopes sabe disso) e até hoje **resposta alguma** me chegou.

Divirta-se o Dr. Ney Cabral (pobre Marechal francez assim encurralado no sobrenome) com alguém do seu estôfo e veja onde pisa.

E quando houver outro Congresso, eu avisarei os incautos.

(assign.) **Fernando Magalhães.**

Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 1927.



Copia da resposta enviada ao prof. Dr. Fernando Magalhães.

Ex.^{mo} Snr. Professor Dr. Fernando Magalhães

RIO DE JANEIRO

A carta, a mim dirigida por V. Ex., somente carece resposta no que se refere a tres pontos:

a) Extranhar não saber eu o que se passou respeito aos successos em torno da questão „Liberdade Profissional“ e por occasião da realização do Congresso Medico.

b) A parte relativa á maneira „tendenciosa e hostil“ do n.º dos Archivos consagrado á „Liberdade Profissional“.

c) A parte relativa ao synthetico historico nella esboçado por V. Ex.

Soubesse eu tão detalhadamente o que se passára quando da realização da celebre sessão e, sem duvida, daria outra orientação ao numero dos Archivos Rio Grandenses e consagrado á Liberdade Profissional.

Concordará V. Ex. que difficilmente poderiam penetrar o delicado segredo do accordo feito com „um grupo de medicos,“ aquelles que, após a sessão da tarde do dia 22, não tiveram oportunidade de palestrar com V. Ex.

Em taes circumstancias, apezar de todos terem *acceitado a proposta*, (o alvitre da entrega do caso ás Sociedades Medicas do paiz) servindo me das palavras de V. Ex., não foi „sem espanto“ que vi aprovado, sem ser discutido, mas sim votado num atropelo, sem dar tempo para pensar,

o substitutivo habilidosamente elaborado por V. Ex.

Sobre tal particularidade, por força de intuição, pela simples analyse dos factos e occorrencias, parece-me ter eu dito a verdade, quando no editorial intitulado NADA assim fallei:

„Em taes circumstancias, commemoramos a significativa resolução, elevada no fim que a dictou, triste no fim que alcançou, com um lastimavel dissilabo **nada**, symbolo de um pathologico silencio, trazendo de envolta o mais pesado prognostico . . .

Que se percebe porém de tudo isso?

Ó esclarecido espirito de V. Ex., sem duvida, fará justiça, reconhecendo que era impossivel, dentro da relativa falta de informes, analysar doutra forma o que se passára na celebre noite de 22 de Outubro pp.

Quanto á *forma tendenciosa e hostil* do numero dos Archivos consagrado á LIBERDADE PROFISSIONAL, devo dizer a V. Ex., que procedi da maneira mais leal.

Na sessão do dia 8 do mez de Abril do corrente anno, conforme consta na acta, consultei ao illustre presidente da Sociedade de Medicina de Porto Alegre, o distincto collega e amigo Prof. Annes Dias, si esta havia recebido algum parecer

a respeito do substitutivo votado na celebre sessão do Congresso Medico.

Como resposta, disse-me o senhor Presidente que cabia á secretaria do Congresso informar.

Em face desta resposta, formulei nova pergunta, isto é, si a Sociedade havia recebido alguma consulta, de accordo com o substitutivo aprovado e obedecendo á proposta apresentada por V. Ex.

A resposta que obtive deu-me ensejo ao pequeno editorial do numero 4 dos Archivos Rio Grandenses de Medicina, pois declarou-me o presidente da Sociedade *nada haver recebido*.

Soubesse eu porém que V. Ex., immediatamente após a chegada ao Rio, expuzera perante a Sociedade de Medicina o que se havia resolvido; soubesse eu porém que havia V. Ex. escripto ao Dr. Renato Barbosa, pedindo-lhe o relatorio official da secretaria, para, de accordo com a resolução tomada, a Sociedade emittir o seu juízo, tambem, sem duvida, no editorial acima citado, não constaria allusão alguma a V. Ex.

Agora o segundo ponto a responder e preso ao historico dos factos desenrolados.

Não desejo no momento discutir aquillo que em nada me attingiu e que de forma incisiva foi lançado a outrem, nos varios períodos da carta de V. Ex.

Todavia, sem absolutamente procurar lançar um desmentido, peço licença a V. Ex. para declarar que, si me inscrevi como congressista, foi porque recebera a affirmativa de que a these sobre a LIBERDADE PROFISSIONAL era uma questão aberta. Tal me affirmaram os Drs. Renato Barbosa e Annes Dias.

Não fôra tal affirmativa por parte daquelles dois distinctos collegas, e absolutamente não me teria inscripto como congressista, pois, não podia comprehender como a classe medica tentasse a realização do congresso, levando de antemão já estabelecida a taxativa prohibição na liberdade de pensar.

Acredite pois V. Ex. que, si ao organizar o numero consagrado á LIBERDADE PROFISSIONAL, estivesse eu inteirado dos factos, tal como são relatados na carta de V. Ex., outra teria sido a opinião por mim exteriorisada.

Discordo profundamente da maneira pela qual foi conciliada a situação na sessão de 22 de Outubro.

Sabida era de todos os congressistas a precaria situação de seus collegas rio grandenses em face do „principio paradoxal“.

O congresso, que se destinava a ser sómente regional, transformara-se por proposta do eminente professor Miguel Couto, em um Congresso Medico Brasileiro.

Chegára o momento anciosamente esperado por todos os que combatiam „o principio paradoxal“ e no qual se provaria de forma inilludivel a dolorosa verdade de uma situação humilhante.

Mas os receios, as cortezias, a delicada situação dos que visitavam o Rio Grande, tudo emfim exigia que se procurasse uma solução para o assumpto preso á these Liberdade Profissional.

Vê-se pela carta de V. Ex. como a encontraram. Um reduzido numero de congressistas a conhecia. Aquelles que não haviam sido consultados que a ap-provassem, sem o direito de discussão.

Um grupo de cerca de 40 medicos lançou o seu protesto. Foram, como V. Ex. sabe, alvos da critica. Uma grande parte dos congressistas contentava-se, ao que parece, em ver no Congresso sómente a grande feira de trabalhos scientificos, o grande mostruario de intelligencias de que fallára um dos oradores da sessão inaugural.

Já vae longa de mais a presente resposta á carta de V. Ex.

Termino, declarando que si não possuo o prestigio do nome e muito menos o grande talento de V. Ex., tenho entretanto a qualidade de todo o homem que se presa. Amparado num passado de que me posso orgulhar, assumirei sempre a responsabilidade dos meus actos.

Assim pois, de accordo com o que se acha declarado no rodapé da capa dos „Archivos Rio Grandenses de Medicina“, a responsabilidade dos artigos editoriaes e dos sueltos cabe-me exclusivamente.

Acima justifiquei o que escrevi no numero consagrado á Liberdade Profissional. Agora guardarei o mais valioso documento relativo á celebre noite de 22 de Outubro de 1926.

Servirá noutro Congresso, para avisar os „*incautos*“.

(assign.) **Argymiro Chaves Galvão.**

Porto Alegre, 6-9-927.